

O PADRE E O GENERAL

Encontraram-se no sino da igreja, na torre mais alta. De lá, via-se toda a cidade dormir à luz da lua cheia, que a inundava com um frio ameno à brisa que soprava do mar. O general era conhecido na igreja por se refugiar lá madrugadas a fio, perdido nos próprios pensamentos. Mal dormia; passava o dia inteiro reunindo-se com chefes militares, inspecionando arsenais e treinamentos, discursando para motivar as tropas.... Ao cair da noite, após a missa, dispensava seus guardas e subia a torre, onde passava a noite absorto, por vezes acompanhado do padre que chegava em boa hora.

- Noite linda, não é? – disse o padre, cumprimentando o líder militar.

- Noite boa. – respondeu o general – Ótima para quem ataca, melhor ainda para quem não é atacado.

- Por que é boa para o ataque? – o padre, um homem curvado, calhava de ficar à mesma altura que o general. Este, por sua vez, compensava a baixa estatura com presença.

- O vento está soprando contra as colinas. – o general apontou para o sul – Isso diminui o barulho de uma tropa que chega à espreita, à noite, e esconde seu cheiro. O atacante, no entanto, tem toda essa informação só por estar na posição certa, no momento certo.

- E por que é melhor para quem não é atacado?

- Porque aí se pode aproveitar a brisa, o luar e as estrelas para relaxar. Não que isso seja fácil hoje em dia.

O padre meneou a cabeça.

- A guerra já te consome há tempo demais, general. – disse o sacerdote – Estamos longe das fronteiras e das armas, não há o que temer aqui.

A fala arrancou um soluço de riso do militar.

- Era o que nos diziam anos atrás. – o general avaliou a face do sacerdote, já bem mais enrugada, e a cabeça raspada, cujos fios certamente seriam majoritariamente brancos – Onde estavas quando o Leito de Santa Joana foi atacado pelos ostríacos?

O padre fitou o general. Os cabelos negros, curtos a ponto de mal ondularem no topo da cabeça, ainda não exibiam fios brancos. A pele morena, mesmo ao redor dos olhos, quase não tinha rugas. O rosto liso era raspado cuidadosamente, talvez todas as manhãs, e exibia cicatrizes finas na lateral do maxilar e logo abaixo do olho esquerdo e uma grossa transversal perigosamente perto do olho direito.

- Eu não morava aqui ainda. Era só um diácono seminarista em peregrinação pelas cidades sagradas. Nunca tinha visto a guerra de perto.

O comentário arrancou um suspiro de incômodo do general.

- Quando foi esse ataque? – perguntou o sacerdote.

A resposta, por sua vez, demorou um pouco a chegar. A expressão do general era vidrada, como se ao fitar a cidade ele não a visse como era, mas como fora...

- Vinte anos atrás... – começou o general, voltando a si por um momento – Eu era só um menino pequeno, de uma família plebeia irrelevante. Meu pai era instrutor do exército e minha mãe uma enfermeira no hospital. Estávamos passando a noite com ela, já que não tínhamos uma casa só nossa, quando sobreveio o ataque.

A pausa na fala foi acompanhada de um movimento de varredura com o olhar, como se a paisagem – na cabeça do general – voltasse a ser o que era à época. Um dedo em riste invocou a memória do militar.

- Ali, onde ficam aqueles cortiços, era o hospital. A zona militar ficava ali, onde hoje é o mercado, e o palácio real ainda sequer começara a ser construído. Os filhos da puta vieram por aquele morro, a oeste do hospital, e desceram em carga com a cavalaria pelas ruas e a infantaria tomando os prédios um por um. Meu pai organizou uma defesa improvisada, foi morto no ataque. Minha mãe me escondeu e saiu para pegar uma bebê recém-nascida e escondê-la comigo... – o olhar vidrado voltou, uma lágrima escorrendo à luz da lua – Foi morta à porta com um golpe de martelo. Eles incendiaram o prédio e eu até hoje não me lembro como sobrevivi...

O padre conteve a própria curiosidade. Era atípico do general contar aquelas histórias, então era melhor deixar fluir, para não correr o risco de jamais ouvir aquilo.

- Fui adotado por uma professora que ficou viúva na mesma noite. Ela cuidou de mim como se fosse uma mãe, me alfabetizou, me preparou para uma vida monástica, intelectual e filosófica... – o olhar do general voltou-se para o mercado – No dia em que me levaram, o exército, ela protestou. Interrompeu o discurso do comandante e incendiou o próprio corpo com óleo em protesto por “roubarem nossas infâncias e nosso futuro”. Eu tinha uma namorada na época... um amor singelo, inocente... – os soluços entrecortavam a fala do general e a lágrima solitária tornara-se um fluxo mal visível quando as nuvens cobriram a lua – A família dela fugiu para o sul, para longe da guerra, e tirou de mim meu último amor. Eu tentei... tentei! Fiz amizades, cultivei novos amores, recomecei... – o general voltou-se para o padre – Mas eu não acreditava mais nas mentiras.

O general foi para o parapeito oposto e apontou para o noroeste.

- Os ostriacos, aqueles filhos da puta, não são diferentes. Diziam-nos que eram monstros, adoradores do demônio, comedores de criancinhas... – a raiva começou a aflorar no discurso – Mas nós fizemos igual... Não! Fizemos pior! Eu vi meus homens estuprarem mães nas frentes das filhas, degolarem pais na frente dos filhos, atirarem velhas e freiras do alto de torres como esta, em que estamos. O rei nos dizia que era nossa missão sagrada “purificar a terra” ... – o general parou, ofegante – e nos transformou em demônios! Essa guerra maldita tirou tudo de mim. Tudo! E matar aquelas pessoas não ia trazer ninguém de volta, não preencheria meu vazio na alma, mas me dava um propósito. E isso era o bastante. As mentiras e justificativas eram todas vazias e tão sem base quanto eu. Perdi minha base quando perdi meu pai, quando perdi minha mãe, quando perdi minha segunda mãe e quando perdi meu amor... – o general mostrou os dentes, triunfante, insano como um lobo a saciar a sede de sangue – E é por isso que eu mato, padre. Porque é meu propósito.

O padre fechou os olhos e meneou a cabeça. Sua missão sagrada era, de fato, purificar a terra, mas era preciso inteligência. O sermão que salvaria um leigo não salvaria o general. Era preciso quebrar o demônio dentro dele antes de trazê-lo para a casa de Deus.

- E esse propósito te sacia ou só ameniza o vazio? – perguntou o padre, sem dar tempo para resposta – Pense: que propósito advindo do homem será suficiente? Há algo que não venha de Deus que seja?

O general fitou o padre duramente, a respiração voltando ao normal aos poucos. O padre, acostumado a duelos silogísticos, fez-se paciente, pois bem-aventurado fora ao fazer isso no passado. Sobreveio, então, o contragolpe.

- Diga-me, padre, desde quando Deus é suficiente? – o general voltou ao parapeito sudeste e apontou para os cortiços enquanto fitava o padre – Desde quando aqueles pobres coitados, que se amontoam em camas fétidas e comem os restos que o palácio descarta, saciam-se de igreja. Basta andar pelas ruelas para ver bêbados, prostitutas, órfãos e mendigos que vão à igreja todo santo domingo e, ainda assim, buscam a felicidade no fundo de uma garrafa, no bolso de um desatento ou no cadáver de um desafeto. Deus nunca foi suficiente, padre. Se fosse, não existiria igreja.

Todo o autocontrole, comedimento e concentração foi usado naquele momento. O suor da testa, o tremor no olho, a contorção da boca foram todos suprimidos a tempo pelo sacerdote. Um sorriso terno, condescendente, trouxe consigo uma resposta possivelmente satisfatória, certamente efetiva.

- Deus é suficiente. – os olhos do padre fecharam-se nervosos e abriram-se frios – O suficiente para salvar a alma de um torturado que mal consegue riscar um papel. Deus é suficiente para o moribundo pestilento que morre à porta de uma estalagem barata. Deus é suficiente para a mulher adúltera, para o ladrão, para o sonegador de impostos e para o contrabandista, antes da forca. Deus é o suficiente para uma freira fornicadora antes do apedrejamento, para o assassino antes da decapitação; para o agiota antes do afogamento, para o traidor antes dos cavalos lhe arrancarem os membros, para o estuprador antes da castração. Deus é o suficiente para o leigo que paga indulgências, para homossexual enrustido, para o alcólatra são. Também o é para o guarda corrupto, para a mãe cruel, para o pai ausente; para o a velha corcunda, o cego de velho, para a criança demente. Deus é o suficiente para um rei hipócrita, para um grão-bispo sodomita e para os burgueses da feira. Mas Deus é muito mais que o suficiente também... – um sorriso sedento, que trazia memórias sádicas de tempos antigos, dos tempos do seminário, antes da guerra – Para o herege na fogueira.

A lua saiu de trás da nuvem. Sua luz tocou o alto da torre, mas lá só iluminou um corpo. O outro voava, rumo ao destino final de tudo que vive. E a calada da noite reacendeu, ao som abafado do impacto, um fogo assassino há muito dormente no coração do sobrevivente.